

Vivências e Incentivos de uma Liderança: legado de uma mulher de luta e resistência em uma localidade do litoral do Nordeste Paraense

Experiencias e Incentivos de una Líder: legado de una mujer de lucha y resistencia en un lugar de la costa del Nordeste de Pará

Experiences and Incentives of a Leader: legacy of a woman of struggle and resistance in a location on the coast of Northeast Pará

Layse Rosa Miranda da Costa

Lourdes Gonçalves Furtado

Resumo: Este artigo tem como objetivo, por meio da abordagem etnobiográfica, relatar a trajetória da senhora *Ângela*, uma antiga liderança comunitária de Marudá, que deixou seu legado entre os/as moradores/as da localidade situada no município de Marapanim, litoral Nordeste Paraense. A metodologia utilizada incluiu observação participante e entrevistas semiestruturadas. Conclusões preliminares indicam que narrar a vida da senhora *Ângela* como liderança é também contar a história das mobilizações das/os moradoras/es em busca de apoio político e econômico, além de resistência e produção da existência coletiva. Suas ações tiveram impacto significativo nos âmbitos político, econômico e simbólico da localidade, especialmente no contexto do universo da pesca artesanal.

Palavras Chave: Liderança. Legado. Etnobiografia. Resistência. Marudá/PA.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo, a través de un enfoque etnobiográfico, relatar la trayectoria de la señora *Ângela*, ex líder comunitaria de Marudá, que dejó su legado entre los habitantes de la localidad ubicada en el municipio de Marapanim, en la costa noreste de Pará. La metodología utilizada incluye observación participante y entrevistas semiestructuradas. Las conclusiones preliminares indican que narrar la vida de señora *Ângela* como líder es también contar la historia de las movilizaciones de los vecinos en busca de apoyo político y económico, así como de resistencia y producción de existencia colectiva. Sus acciones tuvieron un impacto significativo en los ámbitos político, económico y simbólico de la localidad, especialmente en el contexto del universo pesquero artesanal.

Palabras Claves: Liderazgo. Legado. Etnobiografía. Resistencia. Marudá/PA.

Abstract: This article aims, through an ethnobiographical approach, to report the trajectory of Mrs. *Ângela*, a former community leader from Marudá, who left her legacy among the residents of the locality located in the municipality of Marapanim, on the northeast coast of Pará. The methodology used includes participant observation and semi-structured interviews. Preliminary conclusions indicate that narrating Mrs. *Ângela's* life as a leader is also telling the story of the residents' mobilizations in search of political and economic support, as well as resistance and production of collective existence. Their actions had a significant impact on the political, economic and symbolic spheres of the locality, especially in the context of the artisanal fishing universe.

Keywords: Leadership. Legacy. Ethnobiography. Resistance. Marudá/PA.

Layse Rosa Miranda da Costa – Mestranda do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, na Universidade Federal do Pará.. E-mail: laysecosta83@gmail.com

Lourdes Gonçalves Furtado – Antropóloga, Pesquisadora Titular U-III MCTI/Museu Emilio Goeldi- COCHS-Área de Antropologia-Laboratório de Antropologia dos Meios Aquáticos (LAMAQ) & Instituto Histórico e Geográfico do Pará/Sócia Efetiva- Cadeira No. 3, Patronímica Alfredo Aníbal Ladislau. E-mail: lourdes-furtado@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo busca, a partir da abordagem etnobiográfica, enfatizar e compreender as mobilizações de resistência e ressignificações de homens e mulheres de Marudá/PA ao longo do tempo, principalmente das mulheres, que foram e são as que se mobilizam de forma mais significativa na localidade em vários espaços, como político, econômico e simbólico. Dessa forma, a compreensão das dinâmicas e mobilizações ocorrerá a partir da história e trajetória da senhora *Ângela*¹, uma antiga liderança de Marudá que deixou seu legado entre as/os moradoras/es da localidade.

Para contar a trajetória das mobilizações de senhora *Ângela* em Marudá, recorro às abordagens da etnobiografia que, segundo Marco Antônio Gonçalves (2012), consiste no produto de uma relação a partir da interação entre pessoas situadas em suas respectivas vidas e culturas, tendo como pano de fundo suas percepções sobre a alteridade (GONÇALVES, 2012:29), ou seja, é o produto de uma construção entre interlocutores e pesquisadores. No contexto desta pesquisa, a interação entre senhora *Ângela* quanto interlocutora e eu quanto pesquisadora, irei expressar a produção que nossos conhecimentos em contextos diferenciados produziram de forma entrelaçada para contar sobre suas atuações como liderança comunitária.

As atuações da senhora *Ângela* reverberaram nos setores político, econômico e simbólico, principalmente no universo da pesca artesanal. Mais adiante, descreverei de forma detalhada suas atuações, mas é importante frisar que, ao falar de Marudá, é inevitável não mencionar a pesca artesanal, pois a trajetória do povo marudaense não deve ser contada sem a história dos pescadores e pescadoras. Suas histórias de vida estão intrinsecamente ligadas a essa atividade.

A atividade pesqueira artesanal integra a rotina dos habitantes de Marudá nos setores econômicos, sociais e simbólicos de forma significativa. Assim, a pesca se configura como um universo amplo, que vai além da captura de espécies aquáticas, pois engloba simbologias, conhecimentos tradicionais passados de gerações para gerações ligados à atividade pesqueira, celebrações de santos e santas da religião católica e outras expressões que demonstram o modo de vida nesse contexto, como o carimbó.

O carimbó é uma manifestação cultural que, desde setembro de 2014, foi tombada como patrimônio imaterial brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Segundo Bruna Fuscaldo (2015), o carimbó manifesta o modo de vida das populações haliêuticas² e rurais do Estado do Pará. As composições de um dos mestres mais conhecidos de carimbó do Estado do Pará, o Mestre Lucindo, que era *filho*³ de Marapanim, demonstra essas expressões em suas músicas, como "*O Pescador*" e "*Lma Lmar*".

O universo haliêutico ou da pesca artesanal, desde as construções de estradas e rodovias na década de 1950, tem passado por mudanças ocasionadas pelos impactos da modernização. No entanto, mesmo diante dessas transformações, há continuidades, visto que muitos que se originam e vivem nesse território se reinventam, ressignificam e resistem com suas atividades diante dos impactos da modernização, pois, como afirma Paula Montero (1992), o

¹ Vale ressaltar que os nomes originais das/os interlocutoras/es serão substituídos por nomes fictícios com o objetivo de manter o anonimato.

² As populações haliêuticas são aquelas que possuem sua base econômica e modos de vida estabelecidas no manejo da pesca e da coleta em ambientes costeiros e ribeirinhos, pela tecnologia tradicional e pela dinâmica da demanda social de povoados, vilas e cidades de pequeno e médio portes (FURTADO, 2002:7).

³ O termo *filho* e *filha* é utilizado pelos habitantes de Marapanim para designar aqueles que nasceram e são de origem na localidade

sistema capitalista e a modernização têm impactos significativos nas adaptações e resistência desses grupos.

Atualmente, por conta do atravessamento do processo de modernização, a pesca artesanal não é mais a principal fonte de renda dos moradores, como ocorria nas décadas de 1970, 1980 e 1990, conforme afirmado por pesquisadores como Lourdes Furtado (1987), Petrônio Lauro Teixeira Potiguar Junior (2002) e Arian da Costa Nery (1995). Inclusive, muitos pescadores e pescadoras se afastaram da atividade, e muitos jovens demonstram pouco interesse por ela no que tange à prática voltada para o setor econômico, pois buscam por novas formas de ampliarem sua renda, de acordo com que pude observar.

Assim, a pesca artesanal se tornou uma atividade econômica complementar à renda familiar de muitas famílias, resultado de conflitos e insatisfações do povo da antiga vila de pescadores de Marudá, tanto em questões políticas quanto sociais e econômicas. Mais à frente, mencionarei sobre alguns conflitos, insatisfações e resistência por parte das moradoras e moradores da localidade, porém, o universo da pesca está além da captura de espécies aquáticas, pois é um modo de vida, se manifesta nas simbologias, como já mencionado, nos carimbós, nas festividades de santas e santos católicos e no lazer.

Este artigo é um desdobramento de minha dissertação de mestrado, que está em andamento. Pesquiso sobre Marudá desde o ano de 2016, através do projeto chamado Recursos Naturais e Antropologia Social em Comunidades Pesqueiras Amazônicas (RENAS), do Museu Paraense Emílio Goeldi, no qual fui bolsista de iniciação científica. Através dos projetos que elaborei juntamente com minha orientadora desde aquele período, a Professora e Doutora Lourdes Furtado, que continua sendo minha orientadora no mestrado, pude conhecer a senhora *Ângela*. Iniciei minhas pesquisas sobre Marudá em 2016, mas minha primeira pesquisa de campo na localidade para realizar a observação participante ocorreu no ano de 2018. As interlocuções com os moradores presentes neste trabalho ocorreram de 2018 até o presente, pois, após esse período, realizei pesquisas de campo em 2022, 2023 e 2024, sendo as três últimas já no contexto do mestrado.

A Professora e Doutora Lourdes Furtado pesquisou na localidade nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Em nossos diálogos, ela sempre destaca que a senhora *Ângela* era uma grande liderança comunitária. Sempre relata que foi sua orientadora de campo, sendo uma líder comunitária em Marudá muito bem vista por muitos. Assim como foi orientadora de campo da professora Lourdes, também foi para mim, intermediando o contato entre alguns moradores e eu, além de me acompanhar e ajudar durante as entrevistas.

Sendo assim, a motivação para escrever sobre a senhora *Ângela* está ligada à importância que ela possui tanto para a localidade quanto para a ciência. Sua atuação incentivou muitos pesquisadores a desenvolverem projetos e a se dedicarem à pesquisa, graças à sua proatividade e à busca por uma melhor qualidade de vida coletiva ao longo dos anos em que esteve entre nós – a senhora *Ângela* faleceu em outubro de 2023.

O despertar para escrever sobre a senhora *Ângela* também ocorreu durante a disciplina obrigatória do Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), na Universidade Federal do Pará (UFPA), chamada *Métodos Avançados em Ciências Sociais (Antropologia)*, no ano de 2021, ministrada pela Professora e Doutora Luísa Dantas, onde, em uma das aulas, a atividade era construirmos um personagem ou restituir da fala de algum(a) interlocutor/a. Logo, a primeira

pessoa que me veio em mente foi a senhora *Ângela*. Sendo assim, este trabalho tem, também, o objetivo de homenageá-la.

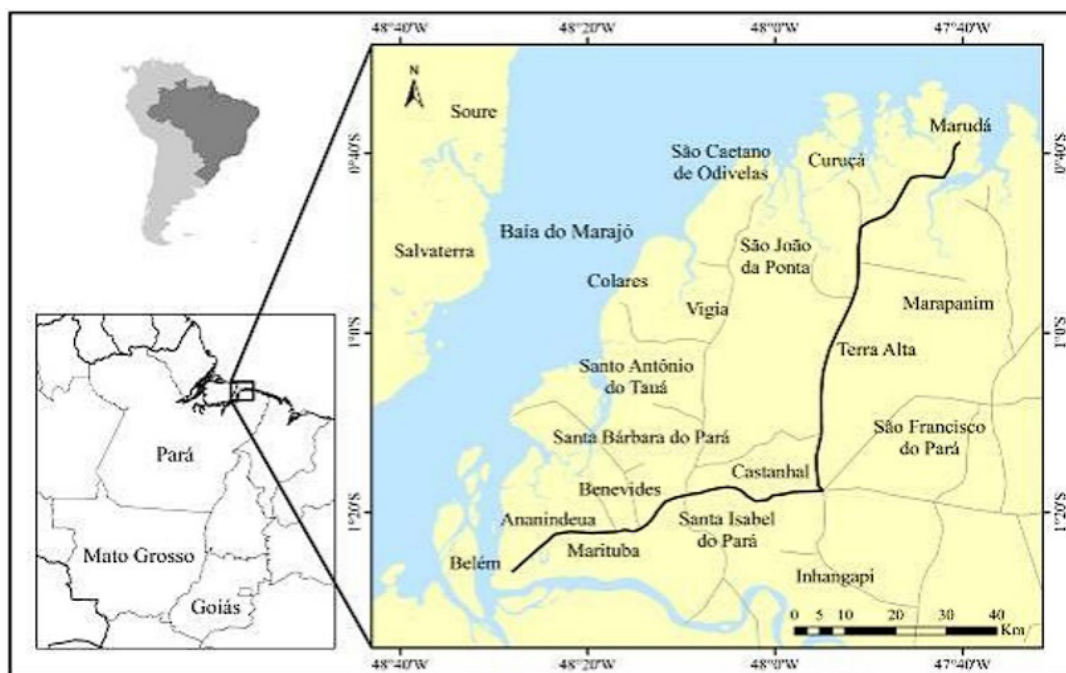
A pesquisa é composta por entrevistas semiestruturadas e abertas, seguindo as orientações de Lima (2016), que enfatiza a importância de não deixar o entrevistado ou entrevistada constrangido, buscando criar um ambiente confortável. O roteiro de perguntas serve como ponto de partida, mas sem a rigidez de parecer um interrogatório.

Dessa forma, almejo que este trabalho possa influenciar e fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas que reconheçam e respeitem as particularidades e o modo de vida dessa população. Também desejo contar a trajetória de uma mulher que movimentou e lutou por políticas públicas que valorizassem as moradoras e os moradores de uma localidade na região amazônica.

1. Local da Pesquisa

Marudá é um dos distritos do município de Marapanim, localizado no litoral do Nordeste Paraense e fundada no ano de 1914 (FURTADO, 1987), inserido na Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, Unidade de Conservação que foi oficializada no ano de 2014. De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o município possui 26.573 habitantes e uma área territorial de 804,625 km² (IBGE, 2022).

Figura 1- Mapa da área de estudo e acesso a partir de Belém.



Fonte: Naraiana L. Benone (2018, p. 378, *apud* FURTADO, D.C, 2019).

Marudá possui oito bairros, sendo o bairro do *Sassego* e o bairro do *Alegre* os mais antigos. A pesquisa enfatiza esses dois bairros pois o campo me direcionou para eles. A rede de interlocutores com quem tenho contato e interação foi se ampliando entre esses contextos. Acredito que a presença da professora Lourdes Furtado nesses bairros nas décadas de 1970 e 1980 contribuiu para abrir caminhos para que eu tivesse acesso e diálogo com os moradores

locais. Percebi que houve um encontro entre campos, ou seja, entre gerações na pesquisa de campo, tanto da professora Lourdes e eu quanto com os interlocutores.

Figura 02- Imagem via satélite de Marudá, enfatizando os bairros Sossego e Alegre



Fonte: Google Earth, 2023 (adaptação inspirada em FURTADO, D.C, 2019:379).

Vale ressaltar que Marudá é uma antiga vila pesqueira, pois, atualmente, a partir de minhas observações em campo e também da literatura – como Diego Furtado (2019), Marcia Santos (2020) e o Relatório Socioambiental Referente à Proposta de Criação da Reserva Extrativista Marinha, no Município de Marapanim, Estado do Pará (2014), feito pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) –, muitas residências que pertenciam aos pescadores/as foram vendidas para turistas, o que levou muitos dos residentes a buscarem outras ocupações habitacionais. Logo, as especulações imobiliárias passaram a se intensificar com o turismo sem planejamento.

2. Contextualizando Brevemente a Atividade Pesqueira Artesanal: o modo de vida em suas mudanças e continuidades impactadas pelo processo de modernização.

Abordando brevemente a atividade pesqueira, pois, como mencionado na introdução, a história de Marudá não pode ser contada sem a história do pescador e da pescadora, visto que suas histórias de vida estão atreladas a ela, a atividade pesqueira artesanal integra de forma fundamental a rotina dos habitantes de Marudá, sendo um setor no qual a senhora *Ângela* atuou de forma significativa. Na época, a dinâmica de mercado capitalista influenciou no alto poder predatório da pesca artesanal – tanto a local quanto a realizada por barcos de outros municípios, que são considerados invasores pelos pescadores e pescadoras locais – e da pesca industrial, sendo a primeira enfatizada neste trabalho e na atuação da antiga líder comunitária.

Segundo Furtado (1987), muitos conflitos começaram a surgir naquele período, ocasionados pela construção de estradas e rodovias, que foram desenvolvidas com maior infraestrutura para automóveis a partir da década de 1950. Nesse momento, o processo de modernização e globalização passou a impactar a localidade e os modos de vida de forma mais significativa.

O turismo sem planejamento teve início, e a pesca artesanal com alto poder predatório para venda nos médios e grandes centros comerciais, como Belém e Castanhal, passou a ser facilitada pelas estradas (FURTADO, 1987:3). Todas essas mudanças influenciaram os modos de vida da localidade, pois suas atividades passaram a atender demandas externas, enquanto os moradores locais ficavam sem amparo dos gestores das instituições governamentais.

Isso resultou em desamparo político para as pescadoras e pescadores artesanais da região, especulação imobiliária – devido à venda de propriedades para turistas, que passaram a ser moradores sazonais, principalmente em períodos de férias e feriados –, e outros conflitos ocasionados pelos “barcos de fora”, que, segundo os interlocutores, invadiam as áreas de pesca que pertenciam aos estuários marapanienses, trechos onde as águas salgadas do mar (oceano) e as águas doces dos rios se encontram (CADERNO DA PESCA, 2004). Esses fatores influenciaram na sobrepesca e nos perigos no meio aquático, pois muitos conflitos entre pescadores surgiam dessas disputas, segundo relato das pescadoras e, principalmente, dos pescadores, que eram os que mais se envolviam na captura.

Importante salientar que outro conflito mais interno eram as questões de gênero. Cristina Maneschy (1995), que pesquisou em municípios do nordeste paraense, ressaltou a importância dos papéis desempenhados pelas mulheres tanto no processo produtivo da pesca quanto na manutenção doméstica das famílias de pescadores; porém, essas atividades eram invisibilizadas, e a atuação dos homens no ato da captura era vista como a ação mais importante do processo produtivo da pesca artesanal pelos homens e, até mesmo, por muitos pesquisadores.

Com a modernização impactando alguns municípios do Nordeste Paraense, a atividade pesqueira tornou-se mais tecnológica, conforme as exigências do mercado capitalista. Como resultado, as tarefas realizadas antes e após a captura foram substituídas por novas ferramentas, levando as mulheres a buscarem outras formas de contribuir para a renda familiar, através de trabalhos relacionados ao processo de modernização.

No seio deste importante segmento da sociedade amazônica, identificam-se tensões e conflitos que recentemente têm mobilizado esse contingente de forma mais ou menos organizada. As comunidades através de suas lideranças tomam consciência de sua capacidade de ação e de mobilizar seus pares, fazer alianças com outras associações e movimentos congêneres, bem como articular com instituições parlamentares, acadêmicas e Ongs para reverter o quadro adverso enfrentado (FURTADO, 2004:72).

Logo, diante desses conflitos, senhora *Ângela* atuou de forma significativa em busca de amparo para os pescadores e pescadoras em um momento que a Reserva Extrativista Marinha não era oficializada e, como já mencionado anteriormente, através de sua proatividade, conseguiu fomentos tanto em aliança com pesquisadoras/es de instituições como o Museu Paraense Emilio Goeldi quanto com a Universidade Federal do Pará; além de, através do contato com esses pesquisadores, ter acesso a outros editais de fomento que a possibilitava criar projetos que ajudassem a comunidade. Nesse sentido, senhora *Ângela* implantou vários projetos com as mulheres, incentivando a autonomia, principalmente econômica. Observei isso no diálogo de uma das interlocutoras:

...Ela não só me ajudou como ajudou muitas mulheres daqui-tu não tem ideia. Teve uma época em que ela implantou um projeto para as mulheres, onde recebeu uma verba. Com esse dinheiro, comprou um monte de máquinas de costura, e a gente ia lá aprender a costurar. A gente tinha oficinas... (Claudia, 2023).

Até o ano de 2014, a localidade não estava inserida em uma Reserva Extrativista Marinha, logo, os questionamentos da comunidade ressaltando a falta de amparo e de uma gestão governamental que contemplasse os que vivem na localidade eram frequentes e recorrentes e, mesmo após a oficialização da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, as indagações e críticas por parte dos habitantes que vivem na localidade é recorrente. Pode-se observar essas insatisfações nas pesquisas de Marcia Santos (2020), que fala sobre a construção da Reserva Extrativista Mestre Lucindo e no relatório socioambiental sobre a criação da Resex, produzido pelo Instituto Chico Mendes da conservação da Biodiversidade (ICMBIO), no ano de 2014.

Catharine Prost (2018) destaca que as Reservas Extrativistas Marinhas alcançaram diversas conquistas. No Estado do Pará, por exemplo, representantes das comunidades frequentemente se reuniam em encontros comunitários para discutir várias demandas locais, incluindo a gestão dos recursos naturais em benefício da vida social das populações. No entanto, apesar dos avanços para o meio ambiente e as comunidades, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. Os danos ambientais persistem, e muitas populações tradicionais, especialmente aquelas com vulnerabilidades econômicas e políticas, não são adequadamente beneficiadas ou protegidas por essas políticas públicas e instituições ambientais. Isso me fez refletir sobre o contexto de Marudá, pois é um fato relatado pelos interlocutores, e que era muito enfatizado pela senhora *Ângela*, a falta de diálogo com os Conselhos Deliberativos⁴ da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo.

3. Trajetória e Legado de uma Mulher de Resistência

Senhora *Ângela* (1932-2023) era uma mulher cheia de histórias, lutas e vontades. Tive o primeiro contato com ela no ano de 2018 e tivemos longas conversas por dias e dias. Morava em Marudá/PA desde a década de 1960, com aproximadamente 28 anos de idade, e, a partir de sua chegada do Estado de Maranhão – pois era maranhense –, passou a se questionar sobre diversas desigualdades que estava observando. A senhora *Ângela* não me explicou em detalhes, mas a professora Lourdes Furtado me relatou que *Ângela* contava que sua motivação para vir ao Pará foi seu marido, que, na época, era um viajante marítimo – não nos foi relatado detalhadamente como atuava –, trabalhando para uma empresa de navios que fazia viagens para vários lugares do Brasil, dentre esses lugares, o Estado do Pará. A partir desse trabalho, eles passaram a residir em Belém e em Marudá, tendo residências em ambos os locais. Alguns anos depois, embora não saibamos exatamente o período, ele se aposentou, e eles passaram a residir oficialmente em Marudá, onde construíram laços afetivos com a localidade e com as pessoas.

Alguns anos depois, passou a se organizar juntamente com as moradoras e moradores, em busca de melhores condições de trabalho para os pescadores; de moradia; financiamentos para ajudar em causas voltadas para a autonomia das mulheres da localidade. A partir de suas mobilizações, foi nomeada como liderança da Associação de Moradores, chamada também de Centro Comunitário de Marudá, na década de 1970. No final da década de 1990, não quis mais estar à frente, pois

⁴ O Conselho Deliberativo da RESEX é composto por representantes da população local, de associações comunitárias, além de órgãos municipais e federais e as comunidades da RESEX (SANTOS, 2020:9).

se sentia cansada e não tinha a mesma energia física para se mobilizar, além de seu marido, que enfrentava vários problemas de saúde. Ainda assim, gostaria de continuar contribuindo na luta e na busca por qualidade de vida para as moradoras e moradores.

Ela se descrevia como "*cara de pau*", pois dizia que não tinha receios em buscar benefícios para a comunidade. Alguns pesquisadores começaram a realizar estudos na localidade na década de 1970, e, conseqüentemente, muitos financiamentos de instituições passaram a chegar em Marudá. Diante disso, ela me disse:

Quando alguns chegavam pra fazer pesquisa aqui, eu perguntava se eles iriam ajudar os moradores, os pescadores e as mulheres, eu pedia ajuda mesmo. Olha, muitos barcos foram reformados, redes de pesca de boa qualidade. Os pescadores viveram muito bem nessa época, porque eu corria atrás, e eles também. A gente tinha muita ajuda. Agora, não tem é nada. (Ângela, 2018)

Enquanto andávamos pelas ruas do bairro do Sossego, em Marudá, era perceptível a forma como as pessoas a olhavam, com olhares cheios de admiração. Por onde passava, todos acenavam, e ela fazia pausas para conversar com algumas pessoas. Alguns falavam sobre diversas angústias, pediam conselhos, reclamavam dos gestores e do cotidiano. Ela me disse que sentia muita falta da energia que tinha para fazer as coisas na comunidade, mas que, naquele momento, já se sentia cansada e precisava dar atenção ao marido, que estava doente. Disse também que sentia saudades de como eram as festividades religiosas, onde sempre havia carimbó e todos dançavam (inclusive ela).

Segundo ela, era uma forma de reunir todas e todos os/as amigos/as, moradores e até os pesquisadores que apareciam por lá – muitos dos quais, segundo ela, se tornaram seus grandes companheiros e companheiras de luta, entre eles a professora Lourdes Furtado.

Pude perceber que, aparentemente, era uma mulher extremamente tranquila, pois falava de forma calma e conversava com todos com muita paciência, mas também inquieta, pois, além de cuidar da casa e do marido que estava doente, tinha muitos desejos, principalmente em relação às mulheres de Marudá. Compartilhou comigo um de seus desejos:

Meu sonho é reunir as mulheres daqui na associação. Queria muito que tivesse oficina como tinha antes, pra ajudar as mulheres daqui. Sinto que as mulheres precisam se organizar melhor. Meu sonho é voltar com o grupo de mulheres, como tinha antes. A gente tinha oficina de costura e de várias outras coisas. (Ângela, 2018)

Assim, por meio de projetos promovidos pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, bem como por outras instituições, conquistados pela professora Lourdes e pela senhora *Ângela* nas décadas de 1980 e 1990, homens e mulheres receberam muitos apoios e recursos, incentivando a autonomia dessas moradoras e moradores. Sendo assim, a senhora *Ângela* sempre buscava ajudar a comunidade da melhor forma possível.

Alguns interlocutores me relataram que a senhora *Ângela* os incentivava a buscar e reconhecer seus direitos como cidadãos – pude observar esses incentivos durante as pesquisas de campo, inclusive nos momentos em que caminhávamos juntas. Em uma das entrevistas que realizei com uma pescadora durante minha primeira pesquisa de campo, no ano de 2018, na presença da senhora *Ângela*, ela disse a seguinte frase para a pescadora, referindo-se a mim:

Olha, aproveita e pergunta as coisas pra ela, conversa com ela, vai que ela pode te ajudar com alguma coisa. Quando a gente pergunta e conhece as coisas, é mais fácil de se defender. A gente precisa ser curioso e perguntar as coisas mesmo. A gente já não tem ajuda do governo, então precisamos saber das coisas e se movimentar. (senhora Ângela, 2018)

No contexto da entrevista, a interlocutora afirmava que não tinha informações nem diálogos com a gestão da colônia de pescadores e não sabia como buscar seus direitos, apesar de ser associada. Ela não conhecia detalhadamente seus direitos. No entanto, a senhora *Ângela* incentivava que “fossem atrás”, ou seja, que buscasse seus direitos como cidadã. Mesmo não sendo tão atuante como quando liderava o centro comunitário, devido aos cuidados com o marido e sua própria saúde, ela continuava a incentivar as pessoas.

Outro ponto que pude analisar ao longo desses anos de pesquisa é que, nos espaços que frequentei, não visualizava lideranças femininas atuando de forma proativa como a senhora *Ângela*.

No entanto, em maio de 2024, na pesquisa de campo mais recente que realizei na localidade, pude dialogar com as mulheres e perceber que, após a pandemia da Covid-19, houve a necessidade de se reunirem coletivamente, como através da reativação da Associação de Mulheres Pesqueiras de Marudá (AMAPEM)⁵. As demandas atuais da AMAPEM são o incentivo ao empoderamento feminino e ao empreendedorismo comunitário através do artesanato, como forma de atenuarem suas dificuldades socioeconômicas. Antes, a motivação, não muito diferente das motivações atuais, era de se fortalecerem e buscarem formas de complementar a renda familiar, visto que a atividade pesqueira direcionada ao mercado capitalista estava em declínio por conta da sobrepesca e dos conflitos mencionados na seção anterior, relacionados à pesca artesanal.

Carla Moreira (2024) afirma que a participação nesses espaços não ocorreu de maneira espontânea e simples. Em muitas localidades do litoral do Pará, a motivação para as mobilizações de mulheres surge da necessidade de sobrevivência diante de dificuldades econômicas e do sofrimento psíquico causado pela falta de incentivos políticos e de autonomia socioeconômica. Essas condições fomentam a criação de grupos de ajuda coletiva, e a AMAPEM foi reativada nesse contexto, segundo as mulheres com quem dialoguei.

A senhora *Ângela* foi amplamente mencionada pelas mulheres (conversei brevemente com 11 delas em uma roda de conversa), pois ela fazia parte da AMAPEM na década de 1990. Elas afirmaram ter sido beneficiadas pelas iniciativas dela e iriam buscar seguir seus passos, alinhando-se às demandas atuais da comunidade. Embora nem todas sejam pescadoras profissionais⁶, a maioria das participantes – partir de 40 anos – pareciam estar unidas, pois se sentem acolhidas ao compartilhar inquietações e angústias semelhantes. Essas preocupações agora envolvem não apenas a atividade pesqueira, mas também a busca por qualidade de vida na saúde pública e questões econômicas, que são as demandas mais enfatizadas por elas.

⁵ Durante o mês de maio de 2024, realizei minha pesquisa de campo mais recente. Durante todos esses anos pesquisando na localidade, eu não sabia da existência da AMAPEM, pois não haviam mencionado a associação para mim. No entanto, durante esta última ida a campo, tive a oportunidade de entrar em contato com as mulheres da AMAPEM, que, como já mencionado, reativaram a associação recentemente. Não mencionaram o período que ficou inativada, mas sua fundação ocorreu no ano de 1992. Esses dados ainda estão em análise e necessitam de mais pesquisas de campo.

⁶ Pescadoras e pescadores artesanais profissionais são aqueles que estão associados à colônia de pescadores. As colônias são sindicatos que representam os pescadores artesanais profissionais com o objetivo dar suporte junto às esferas governamentais.

Já as jovens mulheres, entre 13 e 20 anos, com quem conversei – um total de três – durante as pesquisas de campo que realizei nos anos de 2022 e 2023, são incentivadas pelos mais velhos – as mães dessas jovens fazem parte da AMAPEM atualmente – a buscarem educação em locais com universidades públicas, com o objetivo de atenuar as dificuldades socioeconômicas e vulnerabilidades da região, além de não precisarem lidar com os conflitos relacionados à atividade pesqueira artesanal. Como consequência, elas não mostram interesse em seguir o mesmo caminho da maneira como a senhora *Ângela* seguiu. Porém, mesmo que não possuam esse interesse, o desejo de ocupar espaços como as universidades, em busca de melhor qualidade de vida, é um ato de resistência que a senhora *Ângela* também incentivava na juventude.

Maria da Glória Gohn (2007) afirma que a participação feminina em diferentes mobilizações tem constituído a maioria das ações coletivas públicas e que o conjunto dessas ações une categorias sociais que criam sujeitos e produzem movimentos sociais. Em Marudá, observei que as mulheres são as que mais se mobilizam, e a senhora *Ângela* abriu esse caminho, visto que era uma liderança que atuava em busca de políticas públicas e projetos de apoio à comunidade e à pesca. No entanto, devido à escassez de apoio político e econômico e, conseqüentemente, de pesquisas na área, as atuais lideranças ainda não possuem fomentos e projetos vinculados a instituições acadêmicas e governamentais. Mesmo assim, o legado dela persiste, principalmente através de seus exemplos e incentivos e da memória que deixou como liderança em Marudá. Sua memória e exemplo continuam a inspirar as atuais lideranças, conforme relataram.

É importante destacar que a maioria das mulheres com quem interajo, exceto duas, ocupam cargos de coordenação ou participam ativamente das atividades das igrejas católicas da comunidade. Todas as mulheres que fazem parte da AMAPEM também atuam nesses espaços. Espaços onde também atuam de forma coletiva em constante comunicação, diálogos e atividades vinculadas ao universo simbólico. Marudá é formada por cinco comunidades entre os bairros do Sossego e Alegre.

Nessas áreas, elas se organizam para as celebrações tradicionais de santos e santas, muitas das quais têm uma conexão simbólica com as águas e a pesca. A maioria delas vêm de famílias ligadas à pesca, embora nem todas estejam tão envolvidas quanto as gerações anteriores, como mencionei anteriormente. Senhora *Ângela* era extremamente engajada nesses espaços, principalmente na paróquia de São Pedro, o padroeiro dos pescadores e pescadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante sua vida, a senhora *Ângela* foi uma grande liderança, cujo legado permanece vivo. Mesmo com sua saúde debilitada e demandas familiares que exigiam sua atenção, como a saúde frágil de seu marido, ela atuou de forma ativa e assertiva, articulando com a academia e instituições parlamentares em busca de qualidade de vida para a localidade em que vivia. Conforme afirma Montero (1992), a modernidade impacta diversas categorias ao longo do tempo, e o sistema capitalista e a modernização influenciam as transformações desses grupos. Assim, os atores sociais, especialmente os envolvidos na pesca, têm se adaptado ao longo do tempo na região, particularmente as mulheres, que enfrentam a desigualdade de gênero e buscam resistir com as poucas ferramentas e incentivos políticos disponíveis.

Falar da história de Marudá sem falar da senhora Ângela, é o mesmo que não ta contando a história direito. Eu e todos que estamos nessa missa sabemos do legado que essa mulher

de fé deixou para Marudá. Ela fez muito por Marudá. (Padre que realizou a missa de sétimo dia da senhora Ângela, 2023)

Esta frase (acima) foi citada pelo Padre que celebrou a missa de sétimo dia de senhora *Ângela*, na paróquia de São Pedro, localizada no bairro do Sossego. Ele atua no município de Castanhal, mas, pelo carinho e gratidão que possuía pela senhora *Ângela* durante o tempo que atuava como padre em Marudá, foi para a localidade somente para celebrar a missa dedicada a ela. Senhora *Ângela* faleceu aos 90 anos de idade, no mês de outubro de 2023, três dias antes de eu retornar para o campo. Fique sabendo da notícia através das plataformas digitais, por uma interlocutora da localidade. Pude estar presente na missa.

Logo, este trabalho buscou, ao longo de minha trajetória nesta pesquisa até o momento, evidenciar as vivências e atuações de senhora *Ângela* como liderança de Marudá/PA a partir das ferramentas que adquiri tanto por meio das minhas experiências teóricas e metodológicas quanto, conseqüentemente, meus aprendizados pessoais, nos quais meu universo subjetivo se encontra com outros universos.


A etnobiografia é uma dessas teorias, que, metaforicamente falando, são remos que me ajudam a navegar nessas análises e compreensões de outras realidades, mesmo sendo atravessada por muitas semelhanças, visto que minha própria vivência, enquanto mulher negra, periférica e amazônica de Belém, capital do Estado do Pará, pesquisando em contextos litorâneos, vivencia desigualdades, conflitos, particularidades e resistência:

Neste sentido, o conceito de etnobiografia empregado aqui não é uma tentativa de produzir uma visão autêntica de dentro procurando “apreender um ponto de vista nativo”, mas sim um modo de definir a complexa forma de representação do outro que se realiza enquanto construção de diálogo, em que o cineasta e o antropólogo estão diretamente implicados. (GONÇALVES, 2012:2).

Sendo assim, o dinamismo e esforço da senhora *Ângela*, juntamente com os homens e mulheres de Marudá, em busca de uma melhor qualidade de vida, ao longo dos anos, motivaram muitos pesquisadores a criarem projetos e a se dedicarem à pesquisa. Eu fui uma dessas pesquisadoras que se sentiu, e ainda se sente, inspirada a produzir conhecimento de forma colaborativa, pois, como afirma Gonçalves (2012), meu objetivo é expressar, através da escrita, a construção do diálogo e da produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- CADERNO DA PESCA. *Informes de pesquisa*. Organização e edição: Lourdes Furtado, Adriana de Aviz e Graça Santana. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, v.2, 2004.
- FURTADO, Diogo. Entre pesca e turismo balnear: Alternativos engajamentos dos moradores de Marudá (Amazônia Atlântica) ao trabalho. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v.12, n.4, ago/out 2019:375-399. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6690>> .
- FURTADO, Lourdes. *Currálistas e Redeiros de Marudá: Pescadores do litoral do Pará*. CNPQ, Museu Paraense Emílio Goeldi (coleção Eduardo Galvão). 1987.
- FURTADO, Lourdes. *Dinâmicas sociais e conflitos da pesca na Amazônia. Conflitos ambientais no Brasil*. Organizador Henri Acselrad. – Rio de Janeiro: Relume Dumará. Fundação Heinrich Böll, 2004: 62-79. Disponível em: <<https://conflitosambientais.org/wp-content/uploads/2023/06/Conflitos-Ambientais-no-Brasil-Acselrad-Henri.pdf>>
- FURTADO, Lourdes. Pesqueiros reais e pontos de pesca. Traços da territorialidade haliêutica ou pesqueira amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, Série Antropologia*, v.18, n.1, 2002: 3-26.
- FUSCALDO, Bruna. O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil. *Revista CPC*, São Paulo, n.18, dez. 2014/abril 2015:81-105. Disponível em: <[file:///C:/Users/Dell/Downloads/revistacpc,+74966-126693-1-PB%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Dell/Downloads/revistacpc,+74966-126693-1-PB%20(4).pdf)>
- GOHN, Maria da Glória. Mulheres—atrizes dos movimentos sociais: relações político-culturais e debate teórico no processo democrático. *Política & Sociedade*, v. 6, n. 11, 2007:41-70.
- GONÇALVES, Marco. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Viveiros de Castro Editora Ltda: Ipanema, 2012.
- IBGE. *Cidades e Estados. Marapanim, Estado do Pará*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/marapanim.html>>. Acesso em 05 maio, 2024.
- INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. *Relatório Socioambiental Referente à Proposta de Criação de Reserva Extrativista Marinha no Município de Marapanim, Estado do Pará*. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stores>>. Acesso em: 16 novembro, 2020.
- IPHAN. *Pará comemora três anos de registro do carimbó com debate sobre salvaguarda*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4312/para-comemora-tres-anos-de-registro-do-carimbo-com-debate-sobre-salvaguarda>>. Acesso em: 23 maio, 2024.
- LIMA, Marcia. *O uso da entrevista na pesquisa empírica. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco qualitativo*. Sesc São Paulo/CEBRAP. São Paulo, 2016: 24-41.
- MANESCHY, Maria. A mulher está se afastando da pesca? continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: série antropologia*, Belém, 1995:145-166. Disponível em: <<https://repositorio.museu-goeldi.br/handle/mgoeldi/821>>
- MONTERO, Paula. Dilemas da modernidade no mundo contemporâneo. *Cadernos de campo*, São Paulo, 1992. pp 52-68. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/40304>>



MOREIRA, Carla. Redes de Solidariedade e Justiça Socioambiental: a Rede de Mulheres das Marés e das Águas do Litoral do Pará. Seminário Internacional América Latina e Caribe (5.: 2023- 2024: Belém, PA). *Anais [recurso eletrônico] / 5º Seminário Internacional América Latina e Caribe*; Edna Maria Ramos de Castro, Eunápio Carmo (Orgs.). — Belém: NAEA, 2024: 1236-1248. Disponível em: <https://sialat2024.com.br/wp-content/uploads/2024/04/13.GT-04_MOREIRA.docx>.

NERY, Arian. Traços da tecnologia pesqueira de uma área tradicional na Amazônia – Zona do Salgado - Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia*, Belém, v. 11, n. 2, p. 199-293, 1995.

POTIGUAR JUNIOR, Petrônio. Um exercício etnográfico sobre a migração de pescadores no nordeste do Pará. Gente e ambiente no mundo da pesca artesanal. *Coleção Eduardo Galvão: Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém. 2002:91-108.

PROST, Catherine. Reservas extrativistas marinhas: avanço ou retrocesso? *Desenvolv. Meio Ambiente*, v. 48, Edição especial: 30 Anos do Legado de Chico Mendes, novembro 2018:321-342. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/58351>>.

SANTOS, Marcia. *Conflitos socioambientais, desafios e possibilidades da gestão compartilhada: o caso da Reserva Extrativista Marinha Mestre Lucindo, em Marapanim-PA*. Dissertação apresentada para a obtenção do Título de Mestre em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia, pelo Núcleo de Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/13463/1/Dissertacao_ConflitosSocioambientaisDesafios.pdf>

